

**PODCAST CIÊNCIA SUJA**  
**TEMPORADA 03, EPISÓDIO 2**  
**Opoterapia: a exclusão aplicada**

**ENCENAÇÃO**

*Estes são os de hoje, doutor.*

**THAÍS:** É uma sala branca, toda cheia de azulejos. De costas para uma das paredes, tem uma fila de homens parados. Até pouco tempo atrás, esses mesmos homens estavam nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Mas agora eles tão ali, dentro das dependências da Polícia Civil. Eles não cometeram um crime, ou pelo menos não algo que seria visto como um crime hoje em dia, mas mesmo assim foram detidos e fichados.

**ENCENAÇÃO**

*Indivíduo 54-46.*

**THAÍS:** De frente para eles, tem um médico na casa dos 40 anos. Ele observa cada um dos homens com atenção, mede a circunferência da cintura, estica um braço, examina o tórax e os mamilos. De vez em quando, baixa o olhar e faz uma anotação num caderno que carrega nas mãos.

**ENCENAÇÃO**

*Circunferência: 27.*

**THAÍS:** O médico então se afasta e ajeita uma câmera num tripé. É uma câmera das antigas, daquelas que têm uma espécie de sanfoninha no meio. Afinal, a gente está na década de 1930. Depois de reveladas, as fotos em preto e branco mostram jovens com diferentes biotipos, todos nus, os rostos sem expressão.

**THEO:** Esses homens foram detidos por serem “pederastas passivos”. Ou seja, eram gays e com comportamentos tidos como afeminados (e eram pobres). Quer dizer, como não existia uma tipificação penal para “pederastia passiva”, eles eram acusados de vadiagem, atentado ao pudor, prostituição. E aí muitos iam parar naquela sala branca para serem medidos dos pés à cabeça. A teoria desse médico - e de muita gente na época - era a de que a tal “pederastia passiva” seria causada por certas anormalidades do organismo, e corrigir essas anormalidades seria um jeito de se livrar da pederastia.

**THEO:** Os nomes desses homens que foram avaliados não aparecem em nenhum registro. Todos são chamados por aquele médico de “invertidos, enfermos,

anormais, criminosos, sodomitas, perversos, pederastas e desorganizadores da família, da nação e da humanidade”.

**THEO:** O médico que a gente está falando se chama Leonídio Ribeiro, um legista que acreditava estar trabalhando numa cura para regenerar a espécie humana de perversões por trás de crimes. Ele estava estudando a chamada opoterapia, ou organoterapia, que basicamente envolvia injetar extratos e tecidos de animais em humanos para modular níveis de hormônios. Tinha pó de hipófise de boi para cheirar – e hipófise é uma glândula que fica na base do cérebro -, tinha também suco de ovário de porquinho da índia para injetar na veia... Enfim, era todo tipo de esquisitice.

**THAÍS:** Parece receita de caldeirão de bruxa, mas esse na verdade foi o início de uma ciência que prometia trazer vitalidade, bem-estar, força, criatividade, fertilidade... Mas que na prática era testada e aplicada em gente que não se enquadrava nas normas sociais da época. Até crianças poderiam ser tratadas para prevenir “pecados”.

**THAÍS:** A organoterapia não era uma loucura de um médico excêntrico ou da Polícia Civil do Rio, não. Na década de 30 ela chegou a ser pop. Os jornais, as charges, os teatros, os médicos, os cientistas, os sociólogos, os cronistas, todo mundo falava da técnica. Teve até uma marchinha de Carnaval do Lamartine Babo sobre o assunto em 1929, ouve aí um trecho.

### **MARCHINHA DE CARNAVAL**

*Toda gente agora pode  
ser bem forte, ser um taco,  
ser bem ágil como um bode  
e ter alma de macaco.*

*A velhice na cidade  
canta em coro a nova estrofe  
e já sente a mocidade  
que lhe trouxe o Voronoff.*

*Seu Voronoff,  
seu Voronoff.  
Numa grande operação  
faz da tripa o coração*

**THEO:** Se você estranhou a menção na música a um tal de Seu Voronoff, calma. A gente vai falar mais dele depois, mas, em resumo, o Serge Voronoff, o “Seu Voronoff”, foi um dos precursores da organoterapia e desenvolveu uma cirurgia bizarra que a gente vai contar depois.

**THEO:** Naquela época, a preocupação com o progresso da espécie humana era uma prioridade da ciência, da medicina e da política. O mundo estava se recuperando da Gripe Espanhola e da Primeira Guerra Mundial. Em paralelo, a eugenia estava em alta, então havia um clima de querer fortalecer a espécie humana, por assim dizer. Mas claro que isso era priorizar traços de uma etnia só.

**THEO:** A gente tem um episódio todinho sobre a eugenia na nossa primeira temporada, mas a premissa dessa dita ciência era promover a multiplicação dos humanos mais “evoluídos”, entre aspas, e impedir que os “degenerados” seguissem se disseminando. O problema, claro, sempre foi em como definir o que era evoluído e o que era degenerado.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

A principal motivação de eugenia é a raça, a classe e o gênero. Ou seja, a eugenia institui esse filtro social de fazer uma eliminação social dos indesejáveis. E os indesejáveis são: prostitutas, imigrantes, pobres, mulheres rebeldes, mulheres que questionam a ordem patriarcal, homens que fogem da heteronormatividade secular. A endocrinologia vai por essas brechas também.

**THAÍS:** Esse é o historiador Rodrigo Lima, da Fundação Oswaldo Cruz. Ele dedicou o mestrado e o doutorado ao estudo da ciência dos hormônios do começo do século 20 no Brasil. Ele vai voltar mais pra frente no episódio, mas o importante é dizer que a organoterapia está inserida nesse contexto que permitiu a realização de pesquisas que violavam os direitos básicos das pessoas. E hoje ela é vista, sim, como uma prática eugênica. A aplicação mais assombrosa da eugenia certamente aconteceu na Alemanha nazista, com experimentos de embrulhar o estômago em pessoas que não eram da chamada raça pura ariana. Isso sem contar as milhões de execuções de judeus, ciganos, homossexuais e pessoas com deficiências.

**THEO:** Nesse episódio, a gente vai mostrar de novo que não é preciso atravessar o oceano para encontrar exemplos bizarros de práticas eugênicas. Nós vamos contar a história da organoterapia e do que acontecia naquela salinha de azulejos brancos do Rio de Janeiro há cerca de 90 anos.

**THAÍS:** Você vai ver como um legista brasileiro chegou a ser elogiado pelo ditador italiano fascista Benito Mussolini graças a uma ciência pra lá de suja. E onde essa mesma ciência desaguou nos dias de hoje.

**THEO:** Eu sou o Theo Ruprecht.

**THAIS:** Eu sou a Thaís Manarini. E esse é o segundo episódio da terceira temporada do Ciência Suja, o podcast que mostra que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

## VINHETA DE ABERTURA

**THAÍS:** Antes de seguir com a nossa história, eu queria contar como a gente ficou sabendo dela. No fim do ano passado, o Ciência Suja lançou uma chamada para que outros jornalistas e divulgadores científicos trouxessem ideias de pautas e contribuíssem no papel de repórteres mesmo. E veio muita coisa bacana, de verdade. Tanto que nessa nossa temporada de agora, a gente vai ter quatro episódios produzidos por esses parceiros, que é algo que deixa a gente muito feliz. Sempre foi uma vontade nossa ajudar a promover o jornalismo científico de profundidade.

**THAIS:** Enfim, literalmente a primeira pauta que chegou dessa chamada foi sobre a tal organoterapia, ou opoterapia. Quem fez a inscrição foi a Isabela Lobato, de Minas. A Isabela é uma das pessoas mais jovens a fazer o Treinamento de Jornalismo em Ciência e Saúde da Folha de São Paulo, em 2021. E, para falar a verdade, ela foi a primeira a se inscrever porque errou no prazo final da chamada. Conta aí sobre sua ansiedade e sobre a ideia da pauta, Bela.

**ISABELA:** Oi gente. Eu sou a Isabela Lobato, tenho 21 anos e sou estudante de jornalismo na UFMG. É, assim que eu vi o anúncio da chamada para pautas do Ciência Suja me inscrevi correndo, porque achei que terminaria no dia 31 de dezembro de 2022, e não no fim de janeiro de 2023. Eu já era a maior fã do podcast como ouvinte, e aí fiquei muito empolgada com a possibilidade de contar histórias sobre ciência profissionalmente também.

**ISABELA:** Bom, essa história chegou até mim em 2021, durante o trainee da Folha que a Thaís mencionou. Nós fizemos um caderno especial sobre bioética e o Marcelo, um colega trainee que também estudou na Fiocruz, lembrou do tema de pesquisa do Rodrigo e sugeriu para uma matéria. Eu, ele e uma outra colega, a Suzana, chegamos a escrever uma reportagem sobre o tema para esse caderno, mas pelo próprio formato, não nos aprofundamos muito. Na época, entrevistamos o Rodrigo e eu fiquei com esse assunto na cabeça, achando que essa história era muito chocante e recente pra ser tão desconhecida. Recente o suficiente para poder ter rolado com os meus avós ou os pais de alguém que eu conheça.

**ISABELA:** E uma coisa que me intrigou dessa história é que a organoterapia não era uma coisa feita num porão escondido. Era muito disseminada e muito discutida na imprensa. Então qual seria o contexto histórico que poderia livrar tão rápida a cara de médicos e cientistas que trataram homossexuais como doentes e criminosos, ao ponto de os usarem como cobaias para receber extratos e enxertos de animais? Tudo isso pra livrá-los de perversões?

**THEO:** Boa, Bela. E é isso: por mais que hoje o preconceito contra o público LGBTQIA+ continue muito, muito forte, a notícia de um médico costurando testículos de macacos em homens como cura gay seria um choque. E sim, isso foi feito e vamos falar disso mais pra frente. Mas aquela primeira metade do século 20 foi marcada por uma perspectiva que estava em alta na ciência: o biodeterminismo. Segundo essa teoria, aspectos biológicos determinavam completamente o comportamento das pessoas.

**THAÍS:** Na área da criminologia, o biodeterminismo também era uma ciência popular, que defendia que certas pessoas eram biologicamente propensas ao crime e a comportamentos inadequados. Adivinha quem, né? Os pobres, os pretos, os ciganos, a comunidade LGBTQIA+... O psiquiatra e antropólogo italiano Cesare Lombroso, que viveu entre 1835 e 1909, soltou essa frase:

### **VOICE OVER**

“Vemos no criminoso um selvagem e, ao mesmo tempo, um enfermo.”

**THAÍS:** O Lombroso é uma referência em ciência suja na criminologia, e influenciou aqueles tempos com a ideia do criminoso nato. Ou seja, o cara comete um crime porque tem algo errado na fisiologia dele. Simplificando bem, cometer crime seria uma doença. E, de novo, é claro que essa doença seria praticamente uma exclusividade de pobres, pretos, homossexuais e outros grupos excluídos.

**THEO:** Hoje está claro que a criminalidade está ligada eminentemente a questões sociais, mas essa linha de raciocínio levou algumas pessoas a proporem que só reduziríamos o crime corrigindo (ou tratando, ou curando) a perversão do criminoso. Isso significa que a Justiça deveria estudar o indivíduo que cometeu o crime e diagnosticar quais desbalanços fisiológicos foram responsáveis pela infração. Você tinha que tratar a homossexualidade para livrar a pessoa do crime, por exemplo.

**THEO:** E, bom, a organoterapia se encaixava perfeitamente nesse caldo de cultura tóxica. “Os médicos e pesquisadores não estavam destilando preconceito e fazendo minorias de cobaias, nada disso gente. Eles estavam apenas tentando cuidar das perversões potencialmente criminosas por meio de extratos de glândulas animais, que continham o que viria a ser chamado de hormônios”. Não né, gente.

**THEO:** E vale dizer que tratamentos hormonais hoje são importantes para várias doenças, o problema está na linha de pensamento e nos experimentos desse contexto em específico. A gente vai falar disso mais pra frente, mas por agora fica com um rápido momento de aula de biologia.

### **SONORA HENRIQUE CECOTTI**

Glândulas endócrinas são glândulas que produzem substâncias que vão ser lançadas na corrente sanguínea, né? A definição: o que é um hormônio, né? Então

já entrando nessa resposta, o hormônio é uma substância que faz ação que é lançada na corrente sanguínea e faz a ação à distância.

**THAIS:** Esse é o endocrinologista Henrique Cecotti. Ele tem uma clínica em São Paulo voltada para um atendimento humanizado da população LGBTQIA+ e está fazendo seu doutorado sobre bloqueio da puberdade em adolescentes trans. Ele também atende no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. A Isabela Lobato, a nossa repórter para esse episódio, sofreu até encontrar um endocrinologista pra falar sobre o assunto.

**ISABELA:** Pois é, eu tentei marcar conversas com diferentes endocrinologistas, pedi indicação para o time todo do Ciência Suja, fui atrás de assessorias... E o problema não estava em encontrar fontes com bons currículos. O problema é que vários fugiram da raia ao saber do tema da entrevista. Acho que conversar sobre uma ciência dos hormônios que causou mal e que incentivou o preconceito não é algo que esse pessoal está querendo abordar, sabe.

**ISABELA:** Enfim, o que o Henrique falou é importante, porque a organoterapia partia do princípio que o reequilíbrio dos hormônios, essas substâncias que são produzidas em um lugar e que atuam em outro, poderia corrigir problemas e trazer bem-estar, inteligência, virilidade. E que uma forma de alcançar esse balanço hormonal seria usar glândulas que produzem hormônios de outros animais.

**ISABELA:** Eu li a tese do Rodrigo Lima, aquele historiador da Fiocruz, e aí eu entendi que na verdade a organoterapia surgiu como mais uma fonte da juventude. Em um domingo de 1889, o respeitado cientista francês Charles Édouard Brown-Sequard anunciou na Academia Nacional de Medicina de Paris que já há algum tempo aplicava em si mesmo extratos que preparava a base de testículos de cachorros e porquinhos da Índia. Ele tinha 72 anos na época e alegava ter ganhado criatividade, virilidade, disposição e uma enorme sensação de bem-estar.

**ISABELA:** Alguns pesquisadores torceram o nariz para essa prática do Brown-Sequard de aplicar os extratos nele mesmo, e de medir os sucessos com base na experiência própria. Outros acharam a ideia meio estapafúrdia mesmo. Mas muitos médicos encararam a proposta como uma esperança para superar o envelhecimento.

**ISABELA:** As ideias do pesquisador francês foram publicadas na revista científica *The Lancet* - uma das mais respeitadas até hoje - e difundidas rapidamente. Segundo um levantamento do próprio Brown-Sequard, aproximadamente 10 anos depois, em 1899, já haviam 12 mil médicos pelo mundo que exerciam essa ciência, que ganhou o nome de opoterapia, ou organoterapia, tanto faz.

**ISABELA:** Como a gente já falou, a promessa a princípio era trazer virilidade, jovialidade, criatividade e, nas mulheres, curar a histeria. Mas médicos ao redor do mundo começaram a usar a organoterapia para qualquer coisa. O Brown-Sequard chegou a registrar que ela já havia apresentado bons resultados contra:

**THAIS:** Doenças neurológicas e renais

**THEO:** Nanismo

**THAIS:** Síndrome de Down (que ainda não tinha esse nome)

**THEO:** Tuberculose

**THAIS:** Câncer

**THEO:** Paralisias

**THAIS:** Diabetes

**THEO:** Anemia

**THAIS:** Escleroses

**THEO:** Gangrenas

**THAIS:** Mal de Addison

**THEO:** Gripe

**THAIS:** Enxaqueca

**THEO:** Reumatismo

**THAIS:** Gota

**THEO:** Malária... e muitas outras doenças.

**THAÍS:** Ufa! Claro que não há comprovação do efeito da organoterapia nessas condições, e os médicos que testavam o método nem padronizavam direito a concentração dos extratos de tecidos de animais. A Bela deu uma olhada nisso e viu que, em alguns casos bem específicos, a técnica até trazia algum efeito positivo e transitório.

**ISABELA:** É, então. O Henrique Cecotti falou, por exemplo, que extratos de tireoide poderiam, às vezes, quem sabe, ajudar a melhorar quadros de “cretinismo em crianças”. Cretinismo era como os médicos se referiam a uma doença que hoje praticamente não existe mais porque o nosso sal de cozinha é iodado e iodo regula a produção de hormônios da tireoide. Aí que está: como a tireoide estoca hormônios, o extrato dessa glândula de fato podia carregar hormônios, então acabava que ajudava em certos casos. Mas isso era exceção, até porque o pessoal não aplicava a coisa com muito método e porque outras glândulas, como o testículo e o ovário, não armazenam muitos hormônios pra começo de conversa.

**ISABELA:** Hoje considera-se que os supostos benefícios da organoterapia relatados são, em sua enorme maioria, do efeito placebo. Ou mentira mesmo.

### **SONORA HENRIQUE CECOTTI**

E aí você pega isso e manipula, sei lá como, e injeta isso sabe-se lá onde. E assim, o risco de contaminação, de reação imune a esse tipo de tecido, mas principalmente

contaminação mesmo, é enorme. Com um benefício, com certeza, nulo. O próprio processo inflamatório muitas vezes acabaria destruindo muitas dessas moléculas.

**THEO:** Acontece que o raciocínio de muitos desses profissionais que estudavam a organoterapia estava sendo afetado por preconceito e pela onda biodeterminista da época. E aí eles avançaram a teoria furada da organoterapia para atacar as minorias.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Esses corpos passaram por procedimentos comprometedores, severamente prejudiciais para a saúde dessas pessoas, porque havia inflamações, sepse e outros efeitos colaterais severos para a saúde dos pacientes. E sobre os quais os médicos não relatavam. Eles relatam o que eles consideram ser um avanço.

**THEO:** Está aí o historiador Rodrigo Lima, da Fundação Oswaldo Cruz, de novo. E é importante reforçar que a organoterapia e a eugenia de forma mais ampla não foram um delírio, ou práticas isoladas. Se hoje elas são rechaçadas pela ciência, naquele momento estavam entre práticas consideradas modernas.

### **SONORA ALANA MORAES**

E era uma ciência que estava produzindo o mundo, né? Assim, não era qualquer ciência. Estava produzindo política de Estado, né? Estava produzindo cidade, tava produzindo território, estava produzindo uma certa ideia do que é um corpo saudável, né? Do que que é um corpo impuro. Estava produzindo uma série de classificações. Todas elas, obviamente, baseadas em paradigmas racistas, né?

**THEO:** Essa voz é da Alana Moraes, antropóloga da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento (o Pimentalab), da Unifesp. A gente trombou com ela no Twitter, em uma thread que ela argumentava que ter como princípio a defesa da ciência sem senso crítico é um retrocesso que apaga os rastros de destruição e violência deixados por práticas que foram conduzidas por cientistas no passado. A Alana defende a ciência e o método científico, tá gente. Mas ela também defende que se tenha senso crítico ao analisar a prática científica e suas relações com outros campos, como a política.

### **SONORA ALANA MORAES**

A ciência faz parte do mundo. Ela faz parte do mundo, ela é feita por pessoas que fazem parte desse mundo e por pessoas que estão implicadas e tão informadas por certos valores éticos e políticos, né?

**THAÍS:** Não é à toa que a opoterapia encontrou apoio até em instituições científicas que são imensamente respeitadas nos dias de hoje. A Fiocruz e o Instituto Butantan, por exemplo, foram os maiores produtores de opoterápicos do país na década de 1940. E como a gente já disse, os pesquisadores que estavam por trás

dessa prática eram considerados sérios. Entre eles tinha o Leonídio, o médico da sala branca nas dependências da Polícia Civil carioca que a gente falou no comecinho do episódio. Na volta do intervalo a gente fala dele.

## **INTERVALO**

**THEO:** Você que gosta do nosso trabalho (e pra quem não gosta vale também): que tal apoiar o Ciência Suja com um dinheirinho todo mês? A gente criou planos com diferentes valores e benefícios no site da Orelo. É só entrar lá, procurar pelo nosso nome e ir para a página de apoio. Sua ajuda vai garantir que a gente continue crescendo e trazendo mais pessoas incríveis como a Bela para dentro do ecossistema do Ciência Suja. Você também consegue achar essa página no nosso site, o cienciasuja.com.br

**THAIS:** E uma coisa muito importante: Para ser um apoiador do Ciência suja, o cadastro na Orelo tem que ser feito por computador, não por celular. É na Orelo também que a gente disponibiliza todo o conteúdo exclusivo para os apoiadores. E fica um agradecimento em especial ao Paulo Barbosa, um dos nossos apoiadores da categoria Paladinos da Ciência.

**THEO:** O Ciência Suja também tem o apoio do Instituto Serapilheira, que promove a ciência e a divulgação científica no Brasil. E antes de voltar pra nossa história, a Sarah Azoubel do podcast 37 Graus, que é incrível, tem um recado pra vocês.

## **SPOT 37 GRAUS**

**THEO:** E agora de volta para o nosso episódio.

## **VOLTA DO INTERVALO**

**THAÍS:** É importante entender que as concepções de sexo, gênero e orientação sexual na primeira metade do século 20 eram diferentes do que são hoje. Todas essas três coisas eram meio que a mesma coisa para falar a verdade: a pessoa que nasce com pênis e testículos é homem, tem hormônios masculinos e sente atração por mulheres. Ponto. A pessoa que nasce com vagina é mulher, tem hormônios femininos e sente atração por homens. Nada se misturava.

**THAÍS:** O que não se encaixava nessas duas caixinhas eram “pontos fora da curva”. Ou seja, era considerado anormalidade. Eles até usavam o termo intersexo pra pessoas que tinham características sexuais mistas, mas o conceito era completamente diferente de hoje. Naquela época, tudo o que hoje tá na sigla LGBT - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgênero, travestis - também entrava no conceito de intersexuais. E todos eram “enfermos sexuais”, segundo um artigo do próprio Leonídio Ribeiro.

**THEO:** Na verdade, quase todos, né Thaís. Os homens que faziam sexo com outros homens, mas que eram ativos, não eram considerados doentes. O desequilíbrio estaria na passividade e no desejo de ser penetrado. Mas nos outros casos, como o de uma mulher que se interessa por mulheres, considerava-se que ela tinha uma característica própria dos homens, e que isso provavelmente viria de uma enfermidade, ou de desequilíbrio dos hormônios sexuais. É machismo mesmo que se falava. Agora, de novo, o Henrique Cecotti, o endocrinologista.

### **SONORA HENRIQUE CECOTTI**

Primeiro que é importante reforçar que pessoas com diferenças no desenvolvimento sexual não têm doenças. Não que elas não possam ter. Então vai ter pessoas, por exemplo, que pode ser por deficiências hormonais e isso vai requerer, né... é uma condição. Não é porque requer tratamento médico que é uma doença, né? Eu vou dar um exemplo assim: óculos, né, variações de grau. Isso não é exatamente uma doença, é uma condição e é extremamente comum. E as pessoas vivem bem muitas vezes sem óculos.

**THEO:** Mas, na década de 30, esse entendimento nem passava pela cabeça dos organoterapeutas. O diagnóstico era tão determinista que podia ser feito até a distância. A Bela desencavou uma história que o Leonídio Ribeiro, o médico brasileiro que ficava medindo homens homossexuais dentro da Polícia Civil do Rio, teve a cara de pau de fazer um diagnóstico à distância do escritor irlandês Oscar Wilde. Sim, o cara que escreveu livros como O Retrato de Dorian Gray.

**ISABELA:** Pois é, essa é uma parte bem absurda do livro Homossexualismo e Endocrinologia, publicado pelo Leonídio em 1938. O Oscar Wilde chegou a ser preso na Inglaterra em 1895 por “atos de pederastia”. E o Leonídio falou que isso aconteceu por uma endocrinopatia criminal. Ele disse que já era possível perceber no fenótipo do escritor, no traços físicos dele, as “causas de suas perversões sexuais”. Para o médico brasileiro, era evidente que o rosto delicado, os lábios espessos e os olhos luminosos do Wilde configuravam uma anormalidade fisiológica, que certamente favorecia crimes. Essas são as palavras dele, e é pura balela.

**ISABELA:** O Leonídio usou esse caso do escritor irlandês para argumentar que as pessoas “invertidas” não eram assim porque queriam. Elas eram simplesmente vítimas da própria biologia, e a organoterapia seria uma forma de corrigir isso. O Leonídio termina sua análise dizendo que o desvio era democrático. Em um levantamento de 2020, os pesquisadores Gabriel Bezerra e Jocenilson Ribeiro, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, citaram uma frase que teria sido atribuída ao Leonídio:

### **VOICE OVER**

“Qualquer um, mesmo os advindos das sociedades mais civilizadas, é passivo de sofrer a efeminidade congênita e amoral da sexualidade desviante.”

**THAÍS:** Que pessoa mais bacana, né?! Hoje já se sabe que muitos dos estudos que tentavam associar características físicas a traços comportamentais inatos tinham falhas metodológicas graves. Seus autores queriam chegar a uma conclusão, e era uma conclusão toda trabalhada na eugenia, e aí eles manipulavam dados mesmo. O Rodrigo falou mais disso pra gente.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Por exemplo, faltavam também estudos comparativos na análise biotipológica, né? Então assim, será que realmente em corpos heterossexuais haviam medidas corporais tão diferentes dos corpos de pessoas homossexuais, sob o olhar da biotipologia?

**THAÍS:** Ou seja, eles não comparavam medidas de pessoas heterossexuais com as de homossexuais para ver se tinha alguma diferença. E quando você tá com uma ideia fixa na cabeça, o risco de fazer uns experimentos macabros aumenta. O Leonídio, por exemplo, era fã de um cara chamado Serge Voronoff - o da marchinha do Lamartine Babo que a gente colocou no começo. O Voronoff era um médico europeu que tinha viajado o mundo para popularizar uma técnica cirúrgica que ele tinha inventado. Em julho de 1925, um outro médico brasileiro escreveu um artigo no jornal O Paiz sobre o que tinha aprendido com o Voronoff. O título era “Mocidade Eterna”. A gente separou uns trechos aqui:

### **VOICE OVER**

Sergio Woronoff é natural da Áustria e, apesar dos seus 60 e poucos anos, possui os necessários requisitos do cirurgião contemporâneo. Tem uma cabeça bem conformada, grande, face oval, frente larga, olhar sereno e perscrutador, compondo uma fisionomia expressiva. Os braços são compridos, mãos espalmadas, dedos longos e flexíveis.

**THAÍS:** Engraçado que o autor do artigo associa traços físicos a requisitos necessários para um cirurgião, né? Mas vamos em frente.

### **VOICE OVER**

Opera devagar, com método. É rigoroso na assepsia.

**THAÍS:** Tá, mas qual o método do Voronoff? O autor do artigo fala de uma série de operações que presenciou, todas em busca de regeneração, vitalidade e virilidade. E aí começa a descrição.

### **VOICE OVER**

Eis a noção técnica: o macaco já vem anestesiado para a sala de operações com cloretila, que é substituída pelo clorofórmio, e onde o paciente humano já se acha anestesiado localmente com solução de cocaína a 1%. A menos que se trate de mulher, ou de homem pusilânime, ou que se lhe preveja possibilidade de hemorragia. Nestas circunstâncias, prescreve-se o éter anestésico. Ao passo que Sérgio Voronoff opera no homem, simultaneamente no macaco trabalha seu irmão Fernando Voronoff, que procede com o mesmo rigor técnico, pois todo animal sobrevive sempre com mais vitalidade orgânica.

**THAIS:** Ainda são defensores dos animais! Que bonzinhos, né? Gente, sério: o que os irmãos Voronoff estavam fazendo ali era tirar os testículos dos macacos para costurar no de homens. Eles podiam fazer a mesma coisa com ovários para as mulheres. Essa é a chamada cirurgia de Voronoff. Segundo o Serge Voronoff, essa seria uma solução opoterápica de efeito mais duradouro. Ou seja, o enxerto produziria substâncias milagrosas no paciente que trariam virilidade, vigor intelectual e reequilíbrio sexual, entre outras coisas.

**ISABELA:** Tem espaço para uma curiosidade aqui?

**THAIS:** Sempre tem, Bela.

**ISABELA:** Enquanto eu estava pesquisando essa história do Voronoff nos jornais da época, encontrei um texto que passa bem o clima de empolgação sobre o assunto. Ele foi publicado num domingo de 1925, no Jornal do Brasil, e anunciava uma grande esperança para a economia brasileira. O Steinach, um outro médico austríaco que também era conhecido por suas “cirurgias para rejuvenescimento”, estava negociando carregamentos de macacos brasileiros para a Europa. Segundo o jornal, só a possibilidade de isso acontecer já havia gerado uma melhora sensível na cotação dos títulos brasileiros em mercados estrangeiros. Estimava-se que a população símia do Brasil era de 35 milhões de macacos, mas poderia chegar a 1 bilhão. Então tinha uma fonte grande de renda aí. Ouve só esse trecho da matéria:

#### **VOICE OVER**

Que futuro risonho! Trinta e cinco milhões de macacos, a 50 contos por símio, dão a fabulosa importância de 1 bilhão e 750 milhões de contos. Imagina-se quantos contos darão um bilhão de macacos?! E não há que temer superprodução do gênero, nem há que se recear a diminuição do seu consumo. Quem uma vez tomar injeção de soro de macaco não poderá passar mais sem esse paradisíaco estimulante. A injeção do soro de macaco vicia muito mais que a morfina, e proporciona prazeres que não se encontram na cocaína.

**ISABELA:** Infelizmente para todos que se empolgaram com uma exportação bilionária de macacos, três dias depois o mesmo jornal publicou uma minúscula nota que dizia:

## **VOICE OVER**

“Steinach já não precisa de macacos”

**THEO:** É, então não é de hoje que o mercado se empolga e se assusta com contos de fada. Enfim, o Voronoff pensava na sua cirurgia como a substituição de uma peça desgastada por uma nova. E essa metáfora funcionava bem em uma sociedade que tava cada vez mais acelerada, que começava a conhecer o fordismo. Quem contou isso pra gente foi o Jude Levai, um antropólogo e pesquisador da Unicamp, a Universidade Estadual de Campinas. A dissertação do Jude explorou as leituras sociais sobre as práticas médicas do começo do século 20.

## **SONORA JUDE LEVAI**

Então essa era a ideia dele. Ele pensava de fato nesse corpo como grande máquina e, então, se a gente conseguisse desenvolver tecnologias para constante manutenção e reposição de peças, esse organismo poderia viver por muito mais tempo.

**THEO:** Curiosamente, no meio de tanta gente otimista com essas práticas, tinha quem achasse que misturar parte de bicho com parte de gente só poderia terminar mal.

## **SONORA JUDE LEVAI**

Porque é o mesmo tipo de crítica da revolta da vacina. Essa ideia de que a mistura de substâncias entre corpos de espécies distintas era profundamente questionável, atemorizante.

**THEO:** Só pra dar um contexto rápido aqui: as primeiras vacinas contra a varíola, lá do século 18, usavam o vírus da varíola bovina. Daí a relação da vacina com a vaca. A palavra vacina, aliás, vem de *vaccinus*, que em latim é “derivado da vaca”. E em 1904, um pessoal interessado em desestabilizar o governo da época, do Rodrigues Alves, insuflou a população, que para falar a verdade já vinha sendo muito maltratada, com mentiras como a de que a vacina faria as pessoas ganharem atributos bovinos. E aí o Rio de Janeiro virou um caos. A Revolta da Vacina que o Jude Levai citou é muito mais complexa do que isso e a gente contou direitinho no nosso episódio “A ameaça antivacina”, da primeira temporada. Mas a associação entre esse momento histórico e tratamentos com substâncias de bichos vem daí.

**THEO:** Até o compositor e sambista Noel Rosa tem um samba de 1929 que brinca com o Voronoff e com esse medo das técnicas da organoterapia.

## **MÚSICA “MINHA VIOLA” - NOEL ROSA**

Eu tive um sogro cansado dos regabofe que procurou o Voronoff, doutô muito creditado.

E andam dizendo que o enxerto foi de gato  
Pois ele pula de quatro miando pelos telhado.

**THEO:** Só que o medo de se rebaixar ao status de animal primitivo não deve ser visto só como brincadeira ou delírio. O que o Jude encontrou na pesquisa dele foi que as populações excluídas, dos indígenas aos homossexuais, eram vistas como primitivas ou menos evoluídas. Então, além de menos racionais e mais impulsivas, elas poderiam ser tratadas com substâncias extraídas dos seus “pares”. Ou seja, um tratamento “de bicho para bicho”. Eu vou te falar: entre os muitos absurdos desse episódio aqui, esse raciocínio foi um dos que mais me embrulhou o estômago. Lembra daquela frase do Lombroso, o cara da teoria do criminoso nato?

### **VOICE OVER**

“Vemos no criminoso um selvagem e, ao mesmo tempo, um enfermo.”

**THEO:** Pois é. Está tudo ligado.

**THAÍS:** Agora podemos voltar, de novo, para o médico Leonídio Ribeiro, o fã do Voronoff e o primeiro coordenador de um órgão da Polícia Civil do Rio de Janeiro chamado Laboratório de Antropologia Criminal. Nesse laboratório, ele examinou o corpo de 196 homens detidos por pederastia passiva, e depois publicou aquele livro de 1938 chamado Homossexualismo e Endocrinologia. Foram nessas páginas que ele associou características corporais a comportamentos sexuais desviantes, e recomendou a organoterapia como um tratamento para os homens gays.

**THAÍS:** Ah, na obra ele também prescreveu choques nos genitais, banhos de luz ultravioleta, mudanças de dieta, leitura de certos romances heterossexuais - seja lá o que for isso - e até assistência educacional como complemento ao tratamento hormonal da organoterapia. E por incrível que pareça, os textos do Leonídio tiveram repercussão dentro e fora do país. A gente já citou aqui uma pesquisa de 2020 feita na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Pois bem, nesse trabalho fica claro que as teorias do Leonídio se espalharam para os campos da medicina, linguagem, antropologia, sociologia, história, ciências sociais, psiquiatria, literatura e até na música.

**THEO:** Tá. Mas Bela, o Leonídio chegou a aplicar a organoterapia naqueles homens que ele estudou dentro da Polícia, ou ele só ficou medindo eles contra a vontade (o que já seria meio bizarro né)?

**ISABELA:** Então, não existem evidências formais de que a opoterapia tenha sido aplicada dentro do Laboratório de Antropologia Criminal. Mas o Rodrigo Lima dedicou seu mestrado inteirinho a essa história e, para ele, é muito possível que

Leonídio aplicasse, sim, essas técnicas nos detidos. Até porque, como diretor desse laboratório, ele tinha muito poder.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

O Leonídio Ribeiro foi um médico legista muito conhecido entre as décadas de 1920, 1930 e 40 no Brasil. Ele escreveu clássicos da medicina legal, da medicina forense. O trabalho dele com os homossexuais nada mais é do que uma tentativa de, sob os cuidados da Medicina, institucionalizar um tratamento aos homossexuais através da endocrinologia. Esse combate, essa luta contra o corpo homossexual, ela já era duradoura no Brasil.

**THEO:** Na prática, o historiador James Green mostrou no artigo “O Pasquim e Madame Satã, rainha negra da boemia brasileira”, de 2003, que nos tempos do Leonídio já era uma tradição das delegacias brasileiras deter travestis e homossexuais para que eles trabalhassem na limpeza dos postos policiais, na faxina mesmo. Essas pessoas eram vistas como corpos convenientes, que podiam servir para estudos ou trabalhos forçados. Então não seria exatamente uma surpresa que esse grupo virasse cobaia de experimentos.

**THAÍS:** Em 1933, depois de dois anos de trabalhos no Laboratório, o Leonídio recebeu da Real Academia de Medicina da Itália o Prêmio Lombroso, que reconhecia as melhores iniciativas em honra às teorias do criminalista Cesare Lombroso. O prêmio não foi só para a atuação com opoterapia e homossexualidade. Leonídio atuava em outras frentes que renderiam episódios aqui do Ciência Suja.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Eram três trabalhos. Era o trabalho que ele tentava entender o que justificava, do ponto de vista médico, o comportamento criminoso dos negros. Ele estudou também a relação dos tipos sanguíneos dos tupis-guaranis e o terceiro trabalho foi o trabalho sobre a tentativa de tratamento dos homossexuais com a opoterapia.

**THAÍS:** Ainda que as teorias de Lombroso já estivessem sendo criticadas, sobretudo por sociólogos, na Itália sob o regime fascista de Benito Mussolini, nada era mais popular. Por isso, em 1935 o Leonídio foi recebido pelo Mussolini para almoços, passeios e palestras.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Na palestra, ele dividiu a fala com Mussolini, ele declarou que as ideias gerais italianas tinham sido seguidas nos trabalhos realizados no Gabinete de Identificação da Polícia da Capital brasileira, e que foi esse trabalho que rendeu ao grupo de identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro o prêmio Lombroso de 33. Na réplica, o Mussolini respondeu: ele expressou a satisfação que sentia ao saber como um professor brasileiro continuava no seu país as tradições da ciência italiana.

**THAÍS:** A gente já falou aqui e em outro episódio até, mas ainda existe uma ideia torta de que a eugenia não emplacou no Brasil. Só que a realidade mostra que tinha médico brasileiro recebendo elogio do Mussolini por seguir as, abre aspas, “tradições da ciência italiana”. No caso, a eugenia mesmo.

**THEO:** E os 196 homens analisados pelo Leonídio no Laboratório de Antropologia Criminal não foram os únicos a passar por essa situação. Enquanto esse médico escrevia as suas três autobiografias, mais um monte de homens e mulheres foram usados como cobaias e tratados como seres indesejáveis.

**THEO:** Nos anos que passou pesquisando, o Rodrigo Lima nunca encontrou as fichas desses homens nos arquivos da Polícia Civil, mesmo que tantas outras do mesmo período estejam conservadas. Ele também nunca tomou conhecimento de vítimas que tenha vindo a público falar sobre o que aconteceu no Laboratório de Antropologia Criminal da Polícia Civil do Rio. De acordo com o Rodrigo, talvez isso seja um sinal de que, no fundo, o Leonídio sabia que seus experimentos não eram lá muito éticos. E ele não era bobo de ficar destacando seus preconceitos, ou gerando provas contra si mesmo.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Alguns acadêmicos acham que a gente tem que falar só o que o documento diz. Eu discordo dessa posição, eu acho que a gente tem margem para pensar em tudo. E a margem que a gente tem para pensar: o que dá esse aparato é o aparato institucional, a força policial por trás dele e tudo que permitia a ele dizer que não tinha feito. E sobretudo porque as vozes foram silenciadas, né? No livro ele só tem relatos de quatro pacientes e mesmo assim não são os pacientes falando, escrevendo. É um médico falando sobre os pacientes.

**THEO:** Eu acho que nessa altura do episódio já estão claras as falhas metodológicas e as infrações éticas do Leonídio e da organoterapia como um todo. E que essa prática, que tinha uma relevância considerável no mundo científico, estava claramente vinculada à discriminação e a ideais eugênicos.

### **SONORA RODRIGO LIMA**

Olha, o principal alimento para o crescimento da eugenia no Brasil é a presença da miscigenação. O sonho brasileiro, das elites brasileiras no início do século 20, é o embranquecimento da sociedade. Embranquecer através da imigração, embranquecer através da entrada de determinadas nacionalidades no Brasil e, sobretudo, atingir esse ideal de uma sociedade branca guiada pelo padrão heteronormativo.

**THEO:** Muitos legados dessa história permanecem em nossas vidas. A eugenia escancarada mesmo perdeu força depois que os crimes do regime nazista vieram à

tona no fim da Segunda Guerra Mundial, na década de 40. Mas as ideias não sumiram, elas apenas se transformaram.

**THAÍS:** Como a gente já comentou no episódio de eugenia, práticas como esterilização forçada de mulheres pobres e pretas, que aconteceram repetidas vezes no Brasil principalmente até a década de 1990, são rebarbas eugênicas. O ex-presidente Jair Bolsonaro, de quem a gente quase nunca fala por aqui, já defendeu por várias vezes uma série de medidas eugenistas, como a esterilização da população mais pobre. Outro exemplo é aquela lógica de gerar uma imunidade de rebanho pela infecção do coronavírus.

**THAÍS:** “Ora, que todo mundo se exponha e, bom, se os mais frágeis morrerem, paciência”. Sobre isso, a gente vai recuperar uma fala de 11 de maio de 2020 do médico Arnaldo Lichtenstein, que estava na bancada do Jornal da Cultura pra comentar as medidas de contenção da Covid-19.

### **SONORA LICHTENSTEIN NA TV CULTURA**

As pessoas que vão morrer, muitas são os idosos. Aí tem a fala: “Mas já ia morrer mesmo!”. Ou as pessoas que já tem doença, já estavam doentes. E vão ficar os jovens e atletas. Se a gente pegar pedaços da fala, tem lógica intensa. Isso chama eugenia.

**THAÍS:** No mais, até recursos da endocrinologia moderna às vezes são usados em busca de um ideal irreal de corpo forte, másculo, alto e invencível. Recentemente, uma ex-participante do BBB, a Flay, veio à público contar dos efeitos colaterais que sofreu ao usar o implante que libera um hormônio masculino. O chamado chip da beleza promete coisas como mais disposição, emagrecimento, maior libido, pele firme, melhoras no sono... Você reconheceu essas promessas? Pois é. A coisa chegou ao ponto de o Conselho Federal de Medicina ser obrigado a proibir a prescrição de anabolizantes para fins estéticos, o que inclui o chip da beleza. O endocrinologista Henrique Cecotti lembrou de outra situação.

### **SONORA HENRIQUE CECOTTI**

Uma situação que é recorrente no consultório são os pais querendo que o filho fique mais alto, né? E o filho tem uma altura normal, e a previsão de altura é uma altura normal, mas o coleguinha da escola usou hormônio e agora ele está alto. Será que não dá para o meu filho usar também?

**THEO:** E como nada na história da medicina é preto no branco, apesar das falhas éticas gigantes, os primeiros estudos da ciência dos hormônios também moldaram aspectos positivos da endocrinologia de hoje. Um exemplo aqui é o uso de extratos pancreáticos contra o diabetes.

**THEO:** Depois de anos estudando as secreções do pâncreas em cachorros e outros animais, os pesquisadores Frederick Banting e Charles Best finalmente conseguiram isolar a insulina e aplicá-la em crianças com diabetes tipo 1. Isso revolucionou o tratamento da doença - e até hoje se aplica insulina em vários casos, embora agora ela seja obtida em processos de laboratório, não a partir de bichos. O trabalho do Frederick Banting e Charles Best foi reconhecido com um Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina.

**THAÍS:** E tem ainda uma coisa que parece meio contraditória. Mas de um jeito muito louco, a ideia de um conserto biológico, entre aspas, que o Leonídio defendia se virou contra o preconceito.

### **SONORA JUDE LEVAI**

Isso vai acontecer com o movimento feminista e o movimento *queer*, basicamente, que vai pensar: “Cara, tem umas teorias interessantes aqui, existem possibilidades de uso de hormônios. E se a gente tipo usar essas coisas na direção que a gente quer? Não no sentido de tentar curar ou corrigir os desvios, mas de operar junto com a agência das pessoas.” E aí isso aí é uma virada sensacional, que é a população que dá.

**THAÍS:** A partir das décadas de 40 e 50, com essa inversão do pensamento, feministas, ativistas, homens e mulheres que eram considerados intersexuais e que hoje se encaixariam em diferentes letras da sigla LGBTQIA+ começaram a reivindicar certas técnicas hormonais e cirúrgicas que mexem com a fisiologia do corpo para si. E não para curar uma perversão, mas para finalmente se sentir em paz com o corpo, e como ferramenta de bem-estar e saúde.

**THEO:** O médico dinamarquês Christian Hamburger, que em 1952 criou o que alguns consideram ter sido o primeiro protocolo de transição de gênero, dizia que era antiético da parte dos médicos negar às pessoas trans tratamentos para fazer suas vidas serem as mais toleráveis possíveis.

**THAÍS:** Apesar das muitas limitações e dificuldades, hoje uma pessoa trans pode conseguir acesso a tratamentos para uma transição de gênero. Mas isso porque os verdadeiros atores dessa história (as cobaias, as pessoas “tratadas”) se inteiraram sobre o assunto e cobraram humanidade de profissionais de saúde e pesquisadores.

**THEO:** A ciência é defendida aqui em todo episódio, e quem ouve a gente faz tempo já sabe disso. Mas casos como esse deixam claro como a produção científica é influenciada demais pelo tempo em que ela está inserida. Para a gente tentar tirar o melhor dela, a gente precisa também aprender com nosso passado e valorizar a história, a sociologia... e as críticas saudáveis.

## **SONORA HENRIQUE CECOTTI**

A maior parte da da formação médica não reflete nem sobre o método científico. A gente não discute história, a gente não discute a formação médica. Hoje a gente reproduz padrões, a gente vai reproduzindo.

## **SONORA ALANA**

Ou seja, a gente tá nesse momento de no fundo de retomar talvez, uma outra ciência, que seja mais aberta, que seja mais porosa. E eu acho que isso tudo envolve uma generosidade também das pessoas que produzem ciência, né? Uma curiosidade, uma disposição de estar aberta para fazer alianças. Eu acho que a ciência pode ser um ótimo lugar pra gente fazer alianças, para produzir o mundo mais justo, o mundo melhor.

## **SOBE-SOM E ENCERRAMENTO**

**THEO:** Antes de ir pros créditos, eu queria falar do podcast Vida de Jornalista, parceiro nosso da Rádio Guarda-Chuva. Rodrigo Alves, que toca o Vida, acabou de estreiar uma temporada com perfis de jornalistas, e a primeira personagem perfilada é a incrível Dorrit Harazim. Eu lembro, lá no meus tempos de Editora Abril, de ouvir o povo falar dela com muita reverência. O episódio está excelente, vale a pena.

**THEO:** O Ciência Suja é apresentado por mim, Theo Ruprecht.

**THAÍS:** E por mim, Thaís Manarini. Este episódio teve a apuração da Isabela Lobato. O roteiro também foi escrito por ela, com o apoio técnico e as pensatas do time do Ciência Suja. Obrigado por topar participar dessa aventura com a gente, Bela.

**ISABELA:** Que isso, gente. Eu que agradeço. Eu amei, contem comigo.

**THEO:** A edição de som e as trilhas deste episódio são do Felipe Barbosa.

**THAÍS:** As vozes complementares são de Felipe Barbosa e do Pedro Belo, que também fez o conteúdo extra.

**THEO:** As artes de capa do episódio são da Mayla Tanferri e do Guilherme Henrique.

**THAÍS:** Para este episódio nós usamos um trecho da música Minha Viola, do Noel Rosa, distribuída pela Nikita Music sob licença do Instituto Cultural Cravo Albim, e da marchinha Seu Voronoff, também conhecida como Marcha do Enxerto, do Lamartine Babo, e gravada pela Odeon. Também usamos áudio do Jornal da Cultura.

**THEO:** A terceira temporada do Ciência Suja tem o apoio do Instituto Serrapilheira, que promove a ciência e a divulgação científica no Brasil. No site e nas redes do Serrapilheira, você consegue ver quanta coisa incrível tem o apoio deles.

**THAIS:** Para mais informações sobre o podcast, para virar um apoiador e para ter acesso aos materiais complementares deste episódio, acesse o nosso site, [www.cienciasuja.com.br](http://www.cienciasuja.com.br), ou as nossas redes sociais. Nós estamos no Twitter, Instagram, Facebook e no TikTok.

**THEO:** A gente se vê daqui duas semanas, com mais um episódio. Até lá, pessoal.